

Nunca tão poucos fizeram tanto mal em tão pouco tempo

A chegada de um homem competente e — muito mais importante que isto — despidido de preconceitos ideológicos ao posto supremo do comando da economia nacional pela primeira vez desde o advento desta desastrosa “Nova” República, está, finalmente, produzindo o efeito de despertar do sonho embalado pelo narcótico da subversão de conceitos e da mentira pura e simples os poucos brasileiros que ainda insistiam em pintar um mundo cor de rosa em meio ao desastre a que fomos criminosamente empurrados.

Consciente da violência da tempestade que se aproxima, o ministro Mafson da Nóbrega convenceu-se de que só a revelação da verdade completa da nossa situação poderá preparar a tripulação deste navio para o tremendo choque que terá de enfrentar e para fechar definitivamente os ouvidos dos poucos marinheiros e tripulantes que, porventura, ainda estejam dispostos a deixarem-se embalar por cantos de sereia.

Não é propriamente novo o que o ministro tem revelado à Nação. Nós mesmos, aqui no *Jornal da Tarde*, assim como tantos outros brasileiros nem predispostos (no início do processo) nem em condições (quando o que prevíamos já era uma dura realidade) de fazer o jogo do avestruz que tem caracterizado a atuação dos nossos homens públicos, temos dito e repetido desde os primeiros dias desta “Nova” República, na forma de previsões e advertências, tudo o que o ministro está dizendo hoje, na forma de alarmadas constatações. O que acontece é que, com a riqueza de informações de que dispõe, o ministro Mafson da Nóbrega está revelando ao País que ainda é muito, mas muito maior do que nós mesmos supúnhamos, em nossos momentos de maior desalento, a extensão do estrago provocado em nosso organismo econômico pelas restritas camarilhas dos “economistas do PMDB” que, por tempo demais, o sr. José Sarney permitiu que, sob a batuta insidiosa do provector sr. Ulysses Guimarães, dessem as cartas neste país. Nunca tão poucos fizeram tanto mal a tantos em tão pouco tempo!

A reunião ministerial de segunda-feira, convocada para discutir “cortes de gastos públicos”, provou que o sr. Sarney ainda não se libertou totalmente dos eflúvios que o mantiveram fora da realidade por todos estes anos e levantou sérias dúvidas sobre a possibilidade da sua recuperação futura. Mas pelo menos o seu discurso começou a se aproximar mais da negra realidade que vivemos. Sabemos que isso não significa grande coisa, já que se os atos do presidente tivessem mantido, ao longo de todo este tempo, alguma relação com seus discursos, não estaríamos no fundo do poço do qual nos fala a primeira voz consciente desta “Nova” República. Mas o reconhecimento do presidente de que “a moratória foi o nosso maior erro”, embora rejeitemos este “nosso”, com todos os outros brasileiros lúcidos a que nos referimos, representa, sem dúvida, um progresso, na medida em que traduz (e se é que traduz mesmo) uma decisão irreversível de afastar dos centros de decisão os responsáveis por ela.

Acontece que é uma decisão tardia, uma vez que, pelo que o ministro Mafson da Nóbrega tem mostrado à Nação, foi um erro que só não será fatal porque as nações não morrem. A urgência com que o novo ministro procura religar à veia da economia brasileira o soro do dinheiro estrangeiro é a urgência de um homem sem alternativas. Burocrata desde sempre e profundo conhecedor dos vícios da máquina administrativa estatal, ele já sabia (como também sabíamos nós), antes da reunião de segunda-feira passada, que nada pode ser feito para livrar o Brasil da infestação dos milhões de parasitas que o sugam antes de uma profunda reforma da mentalidade, da cultura política da qual o presidente da República é um dos mais lúdimos representantes e que pode ser resumida naquele “é dando que se recebe” que ele considera “normal”, ou antes que os representantes de ideologias arcaicas, que apostam no “quanto pior melhor” e que promovem a subversão de conceitos que vai transformando o debate político nacional numa verdadeira torre de Babel, sejam efetivamente postos na posição marginal em que o senso crítico da opinião pública já os colocou, quando se expressou nas urnas.

Foi na esperança de que um gesto supremo de boa vontade pudesse não só desfazer o clima hostil cuidadosamente criado no Exterior por estas correntes arcaicas ilegítimamente alçadas a posições de mando, mas, principalmente, de que este gesto pudesse levar nossos credores a fecharem os olhos para toda esta inacreditável festa de arromba comandada pelos que dão para receber e para todas as consequências dela para a economia brasileira, que o ministro Mafson da Nóbrega raspou o fundo do tacho das nossas reservas cambiais para pagar uma parcela das nossas dívidas atrasadas, jogando uma cartada decisiva e arriscada.

Para sobreviver — e apenas para sobreviver — nos próximos dois anos, o Brasil precisaria (e reivindica aos banqueiros) empréstimos num total de 8,2 bilhões de dólares para refinarçar parte dos juros relativos a 1988 e 1989. E para pagar os juros vencidos entre a declaração da moratória e dezembro último (os de janeiro foram os que pagamos em parte com o “gesto de boa vontade”) são necessários outros 3,4 bilhões de dólares. O difícil será convencer os bancos de que, continuando a festa de arromba (e mesmo que ela seja moderada por novas medidas de corte já não há tempo hábil para mudar esse quadro), o Brasil consiga escapar de outra moratória a que seria levado pelo esgotamento econômico, ainda que esta fosse a última das vontades da nova equipe econômica. Para resumir: se já não há mais dúvidas sobre as intenções do Brasil, crescem as que se referem à sua capacidade de recuperação do furacão peemedebista. Eis o resultado da “moratória soberana”: uma efetiva moratória da nossa soberania que, como prevíamos com todos os outros brasileiros conscientes e com leves noções de história, acabará inevitavelmente no pronto-socorro do FMI, e isto se houver muita boa vontade do lado de lá...

É este o quadro tenebroso que nos legaram os “economistas do PMDB”, em nome do “progressismo” (aquele mesmo que na China, por exemplo, é chamado de conservadorismo e combatido pela liderança do partido comunista local). Mas a julgar por suas declarações e pelas dos que os apóiam na arena política, eles não aprenderam a lição, mesmo diante da catástrofe. Falamos, é claro, do que se passa na Assembléia Nacional Constituinte. Mas, este é o assunto do editorial ao lado.